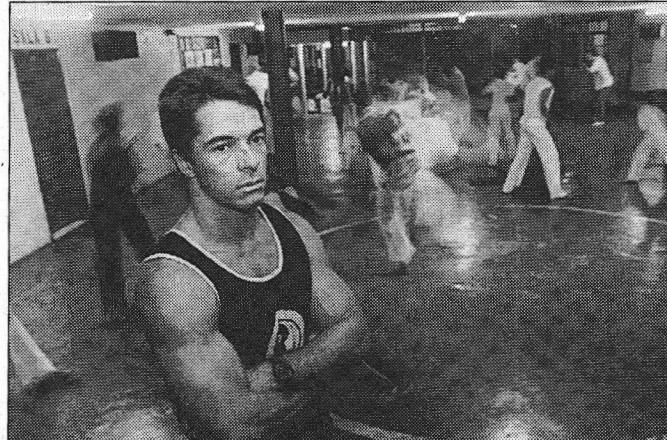


Capoeira para crianças de rua

Davi Zocoli

O professor de Educação Física Gustavo Scheneider, 31 anos, foi criado na 206 Sul e, assim como muitos outros meninos da superquadra, estudou na escola classe do local. Hoje, ele ainda frequenta as dependências da escola, mas não mais como aluno e sim como instrutor de capoeira. Desenvolve ali, há cinco anos, um projeto que, no início, visava aproximar do esporte os jovens da quadra. Conseguiu mais do que isso.

Ao lado de mais dois professores, ele ensina capoeira a 50 crianças e adolescentes, alguns deles meninos de rua que não tinham nenhuma expectativa de vida. Os alunos da escola também são atendidos pelo projeto. Depois das aulas, eles podem participar das lições de capoeira ministradas ali mesmo, no pátio da escola. Eles pagam uma taxa simbólica de R\$ 15. Vinte por cento do



Gustavo já foi aluno na escola classe. Hoje, é professor

dinheiro das mensalidades vão para a Associação de Pais e Mestres.

O lema é o seguinte: quem pode paga, quem não pode, como é o caso dos meninos e meninas de rua, não desembolsa nada. Gustavo acredita que, com esse trabalho, está levando mais qualidade de vida para crianças e jovens. "É um esporte que socializa as pessoas. Aqui todos são amigos", garante.

Para a criançada – os alunos têm a partir de quatro anos de idade –, o momento é de brincadeira. "A capoeira acaba sendo uma válvula de escape para elas", garante a instrutora Audrey Vanessa, 19 anos. Ela conta que alguns meninos e meninas chegam tímidos para começar as aulas e depois acabam se soltando. Explica que a capoeira é um esporte que trabalha muito a coordenação motora, o

equilíbrio e a disciplina.

A música, que vem dos atabaques e berimbau, faz parte da capoeira. O clima é sempre descontraído. Aqueles que se propõem a praticar o esporte são tratados por apelidos carinhosos. Vanessa, por exemplo, é conhecida como Smurfete, do desenho animado dos Smurfs. André, o outro instrutor, é chamado de batata e assim por diante.(M.D.)